

## A TRADUÇÃO COMO FERRAMENTA DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE LINGUA ESTRANGEIRA ESPANHOL

SCNEIDER, Claci Ines (PGET-UFSC/Capes)  
BEZERRA, Mara Gonzalez (UFSC)

**Resumo:** Nos últimos anos o ensino de línguas estrangeiras tem passado por constantes evoluções, sempre em busca de uma metodologia mais satisfatória. As abordagens usadas podem ser as mais diversas, como a Gramática-Tradução, a Direta, para a Leitura, Audiolingual, etc., no entanto, todas visam melhorar o processo de ensino/aprendizagem de línguas. Neste mesmo intuito se observa que os educadores procuram não seguir apenas uma linha teórica, mas selecionar algumas das contribuições que cada uma traz, com isso, muitas estratégias do passado estão sendo\* retomadas, entre elas o uso da tradução em sala de aula. Neste trabalho pretendemos tecer alguns comentários sobre o uso da tradução no ensino da língua espanhola e sobre a relevância deste processo na criação da consciência do aluno a respeito das diferenças culturais existentes entre os falantes das línguas alvo e materna. Para tanto, exemplificaremos com alguns trechos da obra de Washington Cucurto traduzidos do espanhol rio-platense ao português, onde o desconhecimento de termos usados na cultura de saída levou o leitor do texto traduzido a uma interpretação contrária àquela idealizada pelo autor.

**Palavras chaves:** tradução, cultura e ensino de línguas.

### INTRODUÇÃO

O ensino de línguas estrangeiras, nos últimos anos, tem passado por diversas transformações em busca de uma metodologia, uma abordagem<sup>1</sup> que seja mais eficaz a esse processo. Desde a abordagem da Gramática-Tradução, passando pela abordagem Direta, abordagem para a Leitura, abordagem Audiolingual, até as vertentes mais atuais, como a abordagem Comunicativa, todas tiveram essa mesma intenção, de uma forma ou de outra, melhorar o processo de ensino/aprendizagem de línguas.

Uma das mais antigas abordagens utilizadas no ensino de idiomas é a da Gramática-Tradução (GT), que consiste:

“no ensino da segunda língua pela primeira. Toda a informação necessária para construir uma frase, entender um texto ou apreciar um autor é dada através de explicações na língua materna do aluno” (LEFFA, 1988: 215).

No entanto, a partir da Segunda Grande Guerra passou-se a perseguir um ideal de perfeição ao se aprender uma língua estrangeira (L2 ou LE). Com isso deixa-se de lado o uso da GT e passa-se a usar a abordagem Direta e/ou a Comunicativa. A partir de então surgem novas ideias para levar ao aluno uma dinâmica sempre o mais próxima possível à realidade da língua meta, trazendo atividades que visam proporcionar ao aluno momentos de imersão à língua e à cultura de chegada. O que faz com que a comunicação realizada em sala de aula seja sempre feita na L2, assim como a escrita,

---

<sup>1</sup>Aqui não se pretende pormenorizar a discussão acerca da nomenclatura correta. Seguiremos a nomenclatura Sugerida por Leffa, em: Metodologia do ensino de línguas

leitura, exercícios, explicações, etc., pois um dos objetivos do professor é que o aluno adquira a língua da forma mais natural e ampla possível.

Observa-se que o uso dessa metodologia praticamente monolingual das abordagens Direta e Comunicativa é o que, provavelmente, criou em alguns professores e estudantes um certo repúdio em relação a abordagem da GT nas salas de aula de língua estrangeira. Observa-se até hoje que, quando esta é aplicada o é de uma forma quase que marginal, escondendo-se para que ‘ninguém o perceba’.

Neste trabalho pretendemos tecer alguns comentários sobre a tradução como ferramenta no ensino da língua espanhola e como o processo de aquisição/aprendizagem pode se tornar mais atrativo (em diversos sentidos) através da tradução, especialmente para a criação da consciência do aluno a respeito das diferenças culturais existentes entre os falantes das línguas alvo e materna.

## 2. TRADUÇÃO NO ENSINO DE LÍNGUAS

A GT prioriza a forma escrita da língua, com foco na forma. Essa prioridade poderia ser um argumento usado pelos simpatizantes da GT para apregoar seu uso, uma vez que para poder trabalhar a tradução de um texto, para se estudar regras de uso da língua o aluno precisa ler e escrever bastante. Além disso, segundo o DRAE (Diccionario de la Real Academia Española) a tradução é a “f. Interpretación que se da a un texto”. Ou seja, ao propor atividades de tradução em sala de aula, o professor estaria estimulando o raciocínio do aluno e promovendo a escrita, especialmente na variante padrão, assim como aplicando preceitos solicitados pelos regimentos estaduais ou nacionais de ensino (PCNs e LDBs).

Atkinson (1993) advoga também em favor do uso da tradução no ensino de línguas, pois ao usar, sempre que necessário, a L1 em sala de aula se estimula os aprendizes, em especial os de nível inicial a participar das atividades propostas, diminuindo seu filtro afetivo e fazendo assim que se sintam igualmente capazes. Com o tempo isso permite que este aluno, mais seguro e agora com um domínio maior da língua, seja um participante ativo da L2 estudada.

Em tempos de excessiva exposição a diversas tecnologias, a diferentes materiais linguísticos, aspectos culturais de diferentes nações, etc., repensar o uso da tradução como método (um dos métodos) a ser aplicado em sala de aula poderia representar um estímulo para os aprendizes. A propósito do uso do vocabulário aprendido, Hartmann (1987) “concluiu também que o dicionário desempenha um papel muito grande na aquisição de LE [...]” (apud Tosque 2002: 106-107). Porém, o dicionário, assim como a tradução são repelidos do processo de ensino-aprendizagem de línguas. Pois, ao trabalhar com ambos em sala de aula se abrem as portas para o uso da L1. Essa poderia ser uma justificativa dada pelos professores e escolas para se evitar não só a tradução como também o uso dos dicionários, uma vez que:

Há uma forte insistência no fato de que as palavras não devem ser ensinadas individualmente, ou ‘isoladamente’, e os dicionários são vistos como reforçadores dessa tendência dos alunos de aprender palavras de modo isolado quando estão adquirindo outra língua. (Summers, 1988 apud TOSQUE, 2002:101)

Os dicionários bilíngües (DB) são os que mais sofrem essa repulsa, por que se argumenta que são eles em especial que levam a esse uso isolado das palavras. Baseado nisso, Werner nos diz que:

[...] no parece concordar el hecho de que aún, aunque generalmente sin sólidos argumentos teóricos, en la práctica docente se mantenga en vigor una fuerte estigmatización, explícita o implícita, de los diccionarios bilingües. Creo que el rechazo del diccionario bilingüe por parte de muchos profesores de lenguas extranjeras, a todas luces no compartido por los alumnos y estudiantes, se debe a causas muy diversas. Por una parte podemos observar [...] las tendencias estrictamente monolingües en la didáctica de los idiomas extranjeros (WERNER, 2005:75)

Por anos seguidos se evita, se reprime o uso da tradução e dos dicionários em sala de aula, alegando-se que são metodologias de ensino que atrasam o desenvolvimento do aluno e que não levam a um aprendizado efetivo, porém, se existem estudos que comprovem estas teorias, são pouco divulgados, como afirmou Werner. Alguns professores proíbem o uso de qualquer classe de dicionários, outros permitem apenas o monolíngüe, com o argumento de priorizar o contato com a L2.

O uso de atividades tradutórias, sempre que bem planejadas e orientadas pelo professor pode ser estimulante e enriquecedor ao aluno. Tanto ele traduzindo, como comparando o original com possíveis traduções existentes, ou observando o resultado final. Desta forma estarão se conscientizando sobre o uso das línguas, as diferentes formas de se expor as idéias, coisas que não podem ser ditas em dados contextos, a colocação das palavras na frase, o uso de fraseologismos, a diferença de registro, variedades lingüísticas, etc. Claro que, além da dosagem, é preciso ser consciente sobre o nível de conhecimento lingüístico dos alunos. Romanelli sugere que:

O nível dos aprendizes também influi na questão: se a tradução for, de fato, inevitável nos estágios iniciais, é aconselhável usá-la para superar as dificuldades que um escasso conhecimento da L2 possa provocar; já nos últimos níveis, pode ser considerado um ótimo instrumento de aprofundamento das estruturas lexicais e gramaticais, promovendo uma aprendizagem autônoma dos alunos. (ROMANELLI, s.p.)<sup>2</sup>

Em geral se observa que os professores estão repetindo a seus alunos a prática que lhe chegou quando ainda nos bancos escolares e/ou universitários. Poucos aproveitam o potencial que o uso do dicionário e da tradução em sala de aula pode oferecer, pois ambas as práticas podem ser um recurso interessante para a aquisição da consciência cultural dos alunos. Costa afirma que "[...] uma concepção mais ampla, mais cultural e crítica pode colocar a tradução como um dos meios mais eficientes de se estar permanentemente atento às diferenças em relação à língua (e à cultura) estrangeira" (1988, p. 283). Romanelli, ao referir-se ao uso da tradução em sala de aula, afirma também que:

---

<sup>2</sup> <http://www.inventario.ufba.br/05/05sromanelli.htm#citar> Consulta em 18 de setembro de 2011

a aula de línguas estrangeiras seria enriquecida, levando-se os alunos a perceberem que as línguas utilizam meios diferentes para expressar a mesma informação. Um uso adequado da tradução permitiria estabelecer um confronto cultural mais aprofundado entre as línguas e facilitaria o domínio do aluno da cultura-alvo. (ROMANELLI, s.p.)<sup>3</sup>

Assim como aprender a cultura alvo é importante para um bom desempenho linguístico, será importante para o desenvolvimento do cidadão que será mais consciente, mais aberto às diferenças, e deste modo passará a valorizar a sua própria cultura, assim como a sua língua.

### **3. COSA DE NEGROS X COISA DE NEGROS – SIGNIFICADOS NA CULTURA ARGENTINA x BRASILEIRA**

*Assim também entendemos o entrelaçamento cultural da América. “...los seres, vieja comprobación y más en la novela, no son nunca de una sola pieza. Tampoco los países, sobre todo en Latinoamérica...”<sup>4</sup>. (BORBA,2004)*

A epígrafe acima ressalta a diversidade cultural, histórica e social existente na América. Em virtude disso afirmamos que o professor enriquecerá muito a aula de língua estrangeira e contribuirá significativamente para diminuir a distancia do Outro, ao propor atividades de tradução interlingual<sup>5</sup>, que além da língua apresentem temas relacionados à cultura, tanto de chegada como de partida. Essa diversidade cultural pode ser apresentada de diversas formas em sala de aula, sendo os gêneros textuais uma forma bastante rica e de fácil acesso para se proporcionar esse contato aos alunos e a tradução uma maneira de confrontar a língua e a cultura de saída e de chegada. Como forma de exemplificar casos em que aspectos culturais podem ser marcantes em um texto, traremos alguns dos muitos trechos significantes do livro *Cosa de Negros* (2006), escrito por Washington Cucurto, pseudônimo de Santiago Veja, conhecido escritor, poeta e editor argentino. O livro foi publicado em 2007 no Brasil pela editora Rocco e traduzido do espanhol rio-platense ao português brasileiro por André Pereira Costa.

A obra de Cucurto é uma narrativa submergida no texto, ou seja, ao olhar de forma rasa não se enxerga a lucidez com que ele escreve sobre problemas contemporâneos que tratam das populações periféricas e marginalizadas. É verdade que sua linguagem soa crua ou pornográfica para alguns leitores, mas em literatura não há melhor ou pior, não se cai em juízos de valor. Apresentar livros com diferentes perfis é importante, estimula a ampliar o conhecimento de mundo.

Ao ler-se a obra no original logo se identificam termos usados na cultura de saída e que, por tal razão, ao ser traduzidas podem levar o leitor a uma interpretação contrária àquela idealizada originalmente. Susan Bassnett adverte que o “tradutor correrá risco se tratar o texto isoladamente da cultura” (BASSNETT, 2005, p.36). Transportar um texto literário e que mostre a cultura de outro povo sem perdas significativas na língua de chegada tem sido alvo de pesquisas para os estudiosos da tradução e para os professores

---

<sup>3</sup> Idem.

<sup>4</sup> BORBA, 2004, p.236

<sup>5</sup> Tradução de uma língua à outra, conforme Susan Bassnett. BASSNETT, Susan. *Estudos da tradução* (trad. Sônia Terezinha Gehring, Letícia Vasconcellos Abreu e Paula Azambuja Rossato Antinolfi). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.p. 36

de língua estrangeira. Além de um desafio, se torna uma oportunidade de ensinar as diferenças linguísticas e culturais aos seus alunos.

Apresentar uma atividade de tradução em sala de aula com o intuito de servir apenas como repositório de vocabulário é não pensar no aproveitamento dele de forma global, ou seja: sem a integração da língua e da cultura no processo de tradução se empobrecerá o processo de aprendizagem, porque além de privar o aluno de pensar o mundo em sua totalidade, de observar as diferenças existentes, também o dissocia-se da vida real. A língua existe desta forma, com essas diferenças e nuances culturais que podem aparecer em uma tradução e quando o aluno estiver diante de situações cotidianas em que as adversidades linguístico-culturais apareçam, não saberá inserir o conhecimento que adquiriu de forma isolada, sem um olhar mais atento e consciente.

De acordo com Bassnett, a tradução envolve “muito mais do que a simples troca de itens lexicais e gramaticais entre as línguas” (BASSNETT, 2005, p.47). O professor deve ter em mente tal questão ao apresentar um texto aos alunos, além de tentar que estes pensem desta maneira, que tenham essa consciência.

Ao se usar a tradução como forma de ensino, muitos a tomam apenas para ampliar o léxico, mas ela pode ser uma ferramenta poderosa para ampliar o horizonte cultural e social do aluno. Ao analisar atentamente a tradução de *Cosa de negros*, verificamos que no texto de chegada houve uma mudança de sentido em algumas das ideias do texto original. O desconhecimento de aspectos culturais da língua de saída eventualmente pode trazer uma interpretação diferente da proposta pelo autor.

Em sua obra Cucurto incursiona pela ficção para escrever sobre o cotidiano de uma sociedade à margem de uma elite que vive em Buenos Aires. Além disso, utiliza uma linguagem onde se destacam aspectos da língua oral da capital portenha, senão por todos, mas por uma boa parte da população, de diferentes setores sociais. O livro também traz como pano de fundo a Cumbia<sup>6</sup>, ritmo muito apreciado no país.

O leitor da obra traduzida precisa saber que na Argentina, assim como em outros países da América há muitas variações do ritmo originalmente colombiano, desde a *Cumbia villera* oriunda de favelas, até a de estilo romântico que arrebatava fãs e multidões independente de fatores sócio econômicos. Existem várias correntes de Cumbia na Argentina: *Cumbia Correntina*, *Cumbia Andina*, *Cumbia Norteña*, etc., e também grupos musicais famosos como: *Yerba Brava*, *Rafaga*, *Altos Cumbieros*, *Pibes Chorros*, *Damas Gratis*, etc. Se muitos pensam que o estilo atual de música preferido pelos argentinos é o tango, ledo engano, porque há muito foi ultrapassado no gosto popular pela Cumbia. Dados culturais que fazem a diferença na interpretação do texto de Cucurto.

Ao abrir o livro e começar a leitura observa-se que este é dividido em duas partes e cada uma compõe uma história diferente, a primeira intitulada “Noites Vazias” remete a uma letra de Cumbia intitulada “*Noches Vacías*”<sup>7</sup>. Ao ler o título poucos irão observar que é o título de uma música de Cumbia cantada por Gilda, cantora argentina morta em 1996. É uma informação cultural interessante, pois faz o leitor mergulhar no universo cultural argentino e com certeza marca a intenção do autor, de falar daquilo que é próximo à maioria da população. Nessa parte do livro são citados diversos cantores de Cumbia, como Rodrigo el Potro, Gilda, quartetos, cantores que são ícones nacionais na Argentina, ou seja, é uma oportunidade para que, em sala de aula, o professor explore

---

<sup>6</sup> A Cumbia é um ritmo originário da Colômbia e conhecido em toda América. Na Argentina fez muito sucesso e logo se destacou a nível nacional criando muitos fãs seja pelos cantores ou grupos de Cumbia. Por isso se criaram muitas vertentes do ritmo.

<sup>7</sup> Letra de Cumbia

estas informações e proponha uma tarefa que enriquecerá aos alunos sobre os aspectos sócio-culturais de um país. E que um leitor desavisado nem sequer perceberia.

A obra de Cucurto é traduzida do espanhol rio-platense ao português do Brasil, nesse contexto da Cumbia é descrito o *Samber*, que embora lembre semanticamente a palavra samba, nada tem a ver com ele, pois é um lugar onde só se toca Cumbia e as pessoas vão para dançar e paquerar. O autor usa a palavra *Tickis*, comumente usada para referir-se às mulheres que freqüentam os bailes de Cumbia, provavelmente sem um termo semelhante em português, e que o tradutor optou por trazer à nossa língua como: “tchutchucas ou cachorras” (CUCURTO, 2007, p.9). Por essa razão e por até então não apresentar na versão brasileira nada que se remeta à Cumbia, o leitor é levado a pensar, nas primeiras 17 páginas da obra, que o contexto da história trata de um baile funk. Somente a partir daí que se menciona a Cumbia. Porém, no *Samber* vão mulheres de diferentes idades, podem ter dezoito, cinquenta anos ou mais. Em nosso caso, é difícil imaginar uma tchuchuca balzaquiiana. Se a música, no *Samber*, fosse a *Cumbia villera* seria possível a aproximação com o funk carioca brasileiro, como os cantados por MC Cidinho e Doca<sup>8</sup>, que falam em armas, favela e drogas, pois as letras das *villeras* mostram um contexto de violência, morte, etc., como forma de expressão de uma identidade de grupo, mas no *Samber* se tocam todos os tipos de Cumbia, então se exclui a ideia de nivelar pelo funk carioca.

O leitor brasileiro é levado a pensar em um baile Funk carioca, e acaba perdendo a riqueza do mundo da Cumbia e a oportunidade que um brasileiro tem de conhecer e visualizar outro contexto social e cultural. Pode-se pensar neste caso que o tradutor desejou aproximar o original à cultura brasileira e o adaptou para que o leitor brasileiro não sentisse estranhamento ao ler o texto. O professor, ao usar um texto na sala de aula, pode direcionar os alunos para a riqueza que o texto contém, e através de uma pesquisa prévia enriquecer suas aulas, oferecendo ou buscando com os alunos melhores alternativas para a tradução.

Outro ponto importante que não se encontra na tradução ao português é o fato de o leitor brasileiro não inferir que a palavra “negro” na Argentina tem uma conotação diferente que em português e que independe de raça, lá todos podem ser chamados de negro ou negra, como forma carinhosa ou pejorativa, de acordo com o contexto em que se fale. Então, quando Cucurto escreve o título do livro, “Cosa de negros” não se refere aos indivíduos de raça negra, mas sim ao povo em geral e as peripécias dos moradores de uma grande urbe.

Abaixo temos o exemplo das capas do livro, em espanhol e em português:

---

<sup>8</sup> Disponível em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Cidinho\\_e\\_Doca](http://pt.wikipedia.org/wiki/Cidinho_e_Doca) acesso em 04 out 2011.



Figura 1 - Capa do livro Cosa de Negros<sup>9</sup> escrito por Washington Cucurto

Manter o mesmo título do original para a cultura brasileira sem a devida aclaração dos fatores culturais envolvidos pode gerar assombro e até uma atitude de rejeição ou interpretação racista em determinados trechos, principalmente no título. Deve se remeter o leitor/aprendiz a comarcas culturais diferentes daquela que vivem e mesmo assim fazer com que consigam entender o significado.

No Brasil soaria preconceituoso cumprimentar alguém desta forma: “- Oi negro, tudo bem?”, no entanto na Argentina ou na Venezuela, por exemplo, não causaria estranheza alguma. Nestes países carinhosamente as pessoas se chamam de “negrita”, “negrito”, “negra” ou “negro”, mas também pode ser dito com um sentido de chamar a atenção de quem cometeu um erro: *no hagas cosa de negro*, ainda assim estará determinado pelo contexto e não se refere a uma pessoa de raça negra. Qualquer cantor seja de Cumbia ou não, quando pede à platéia que cante ou acompanhe uma música poderá dizer algo como: “y ahora los negros cantan” e todos cantam sem que haja mal entendidos. É interessante observar estas questões para que não se passe uma idéia errada sobre o significado semântico da palavra em questão, pois embora o Brasil e a Argentina tenham limites geográficos as comarcas culturais de ambos apresentam traços de diferenças e semelhanças.

É importante levar em conta, ao trabalhar literatura e tradução que, qualquer narrativa quando transportada para outra língua pode apresentar variações culturais. O professor, no processo de ensino-aprendizagem precisa pensar no leitor do texto de chegada, em como ele irá entender o discurso inserido no texto. Alguns pontos podem apenas gerar estranheza, outros podem passar despercebidos, outros podem ser chocantes, como o uso da palavra negro dentro do contexto rio-platense. E com certeza a boa mediação do professor pode fazer a diferença neste processo.

#### 4. DIFERENÇAS LÉXICAIS E COMO ELAS INFLUENCIAM NA TRADUÇÃO

Os aspectos lingüístico-culturais encontrados no espanhol são inúmeros, pois são mais de 400 milhões de falantes espalhados por mais de 20 países que o falam como

<sup>9</sup>Disponível em: <http://www.amazon.com/Cosa-Negros-Spanish-Washington-Cucurto/dp/9872067740> acesso em 4 out 2011.

Disponível em: [http://www.rocco.com.br/shopping/ExibirLivro.asp?Livro\\_ID=978-85-325-2257-3](http://www.rocco.com.br/shopping/ExibirLivro.asp?Livro_ID=978-85-325-2257-3) acesso em 4 out 2011.

língua oficial. Se o comparamos com o português, mesmo aparentemente próximos, teremos muitos pontos conflitantes que merecem atenção, tanto de aprendizes, como de lingüistas e tradutores. Quem estuda espanhol ou mesmo um viajante atento, perceberá que existem variantes dentro de cada país. Vários espanhóis dentro da língua de cada nação. Se observarmos a realidade rio-platense, bastante presente no cotidiano brasileiro por aspectos turísticos e comerciais como o Mercosul, veremos que existem variantes culturais e lingüísticas que podem “pegar” um falante desavisado, até mesmo um tradutor.

Na Argentina, por exemplo, se reconhecem algumas variantes lingüísticas, de uso extenso pelos nativos, entre elas está o *Lunfardo*<sup>10</sup>, conhecido principalmente pelas letras de tango e que mezcla palavras so italiano e gírias criadas pelos falantes, assim como o *Cocoliche*<sup>11</sup> trazidos pelos italianos, uma mistura de espanhol e italiano, ou ainda o *gauchesco* difundido largamente pela literatura de mesmo nome. Atualmente com o aluvião de imigrantes de países como Paraguai, Peru, Bolívia, etc., novos termos passam a fazer parte do vocabulário regional, como *bolitas* para os bolivianos, *paraguas* para os paraguais, *brasucas* para brasileiros, *yoruguas* para uruguaios, etc<sup>12</sup>, e Cucurto introduz essas gírias em sua obra *Cosa de negros*. Obviamente o aspecto informal e efêmero destes termos não os permite figurar em dicionários convencionais, mas o fato é que o largo uso popular os leva muitas vezes à literatura. Com o tempo algumas destas expressões caem em desuso, porém outras se solidificam fazendo parte permanente do vocabulário local, como seria o caso de *mina*, *pibe*, etc, no espanhol rio-platense. E nesses casos, como o tradutor deve proceder? Substituir a gíria por uma variante padrão ou criar um glossário explicando as gírias que use em sua tradução?

Concomitante ao uso da tradução em sala de aula, e tão estigmatizada por muitos professores como esta, temos o uso do dicionário. Em atividades variadas o dicionário continua sendo uma ferramenta útil, porém deve ser usado sob alguns critérios, porque de forma isolada pode ser um complicador e não um facilitador. O professor deve ser preparado para ensinar o aprendiz a aproveitar o plantel lingüístico oferecido por esta ferramenta, a ofertar, através dele conhecimentos lingüísticos e culturais importantes ao aprendiz. A estimular que o estudante de língua esteja habituado a pesquisar, a buscar as palavras duvidosas sempre que necessário e saber escolher, entre as opções oferecidas. O uso adequado de um dicionário pode fazer a diferença em atividades de produção textual, de tradução, etc.

Um exemplo positivo de como o dicionário pode auxiliar é a comparação do trecho de *Cosa de Negros*: “Ésta es Buenos Aires, la Trola del Plata; respírala, mamála...” (CUCURTO, 2006, p.73), e que aparece na tradução ao português desta forma: “Esta é Buenos Aires, a Tróia do Prata; respire-a, beba-a...” (CUCURTO, 2007, p.79). Há uma mudança significativa quando se coloca a palavra *trola*<sup>13</sup> traduzida como *Tróia*. Ao considerar-se qual era o sentido efetivo escrito por Cucurto e o que o tradutor acabou levando ao texto traduzido, observa-se que muito se perdeu. *Trola* é uma expressão usada para referir-se a prostitutas e Cucurto se refere justamente a isso, a uma

---

<sup>10</sup> As primeiras manifestações desta linguagem apareceram por volta de 1880 na cidade de Buenos Aires. Esta nova terminologia invadiu a linguagem dos homens (sim, porque as mulheres nunca a usariam), transformando-se numa característica de ser Porteño e da Argentina. Foi espalhada pelos teatros, pelos poetas e principalmente pelos tangueros. O Lunfardo é rico em termos italianos e franceses. Disponível em <http://www.portotango.com/LDU800/page.php?id=92> acesso em 23 set 2011.

<sup>11</sup> Os imigrantes italianos entre 1880 e 1930, eram em torno de 40% da população da cidade.

Disponível em <http://es.wikipedia.org/wiki/cocoliche> acesso em 23 set 2011.

<sup>12</sup> Disponível em <http://la-opinion-argentina.blogspot.com/2009/04/argentina-bolita-chilote-yorugua.html> acesso em 24 set 2011

<sup>13</sup> Disponível em <http://www.asihablamos.com/word/palabra/trola.php> ultimo acesso em 23 set 2011



Buenos Aires que se comporta como uma cidade que se abre ao outro, mas que cobra caro por isso, tirando a dignidade de quem chega e usando-o para seu prazer e necessidade sem retribuições. Uma crítica do autor contra as políticas de imigração e acomodação destes imigrantes que se tornam párias na metrópole. O tradutor transmite algo diferente, refere-se a uma Buenos Aires com a grandeza de Tróia, bem diferente da intenção original do autor. Por ser uma palavra de uso não tão difundido, seria interessante consultar algum material de pesquisa. Uma consulta aos dicionários da RAE – Real Academia Espanhola<sup>14</sup> ou mesmo o [wordreference.com](http://www.wordreference.com)<sup>15</sup> mostraria em ambos a mesma definição: mentira ou engano. Algo que não fecharia com o contexto assim tão facilmente, indicando a necessidade de uma maior pesquisa, que poderia lançar mão de outros mecanismos, como um dicionário regionalista. Existem vários de acesso gratuito na rede, e geralmente de boa qualidade. Acessando o dicionário “Así Hablamos los argentinos”<sup>16</sup> o tradutor encontraria: mulher fácil, prostituta.

As diferenças lexicais existentes entre as línguas merecem sempre muita atenção, tanto por parte do professor, que usa este material (o original ou a tradução), como por parte do tradutor. A presença desses aspectos culturais sempre será motivo de atenção para ambos e por sua relevância sempre será objeto de estudos e questionamentos.

## CONCLUSÃO

Observamos através deste estudo que aspectos culturais presentes em materiais oferecidos aos aprendizes de línguas estrangeiras precisam de uma mediação adequada para que se possa promover uma melhor adequação do conhecimento. Exercícios de tradução podem ser uma boa saída, uma vez que podem promover a reflexão e o entendimento sobre a língua e a cultura do Outro.

Tal qual o tradutor, o professor de línguas deve estar atento às nuances existentes entre os dois idiomas em questão. Quando são apresentados textos com características peculiares, como a presença de regionalismos, gírias, fraseologismos, etc., é importante um cuidado redobrado. Porém essas particularidades não devem ser subtraídas das salas de aula, muito ao contrário, devem aparecer sempre, pois ampliam a visão cultural do aluno, sobre a sua cultura e sobre a cultura do outro.

O ensino de línguas é um ambiente rico e propício a diferentes formas de ensino, cabe ao professor tentar aproveitar o que cada metodologia tem de bom a oferecer.

## REFERENCIAS

- ATKINSON, D. **Teaching monolingual classes**. London: Longman, 1993.  
BASSNETT, Susan. **Estudos da tradução** (trad. Sônia Terezinha Gehring, Letícia Vasconcellos Abreu e Paula Azambuja Rossato Antinolfi). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

---

<sup>14</sup> Disponível em <http://www.wordreference.com/es/en/frames.asp?es=trola> acesso em 24 set 2011

<sup>15</sup> Disponível em <http://www.wordreference.com/definicion/trola> acesso em 24 set 2011

<sup>16</sup> Disponível em <http://www.asihablamos.com/word/palabra/trola.php> ultimo acesso em 23 set 2011

COSTA, W. Carlos. Tradução e ensino de línguas. In BOHN H. Inácio, Vandresen, P. **Tópicos de Lingüística Aplicada ao ensino de línguas estrangeiras**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1988.

CUCURTO, Washington. **Cosa de negros**. Buenos Aires, Interzona, 2003.

CUCURTO, Washington. **Coisa de negros**. São Paulo, Rocco, 2007.

LEFFA, Vilson J. **Metodologia do ensino de línguas**. In BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. *Tópicos em lingüística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988. Págs. 211-236.

PROPOSTA CURRICULAR DE SC. Disponível em: [http://www.nuspple.cce.ufsc.br/proposta\\_curricular\\_de\\_santa\\_cat.htm](http://www.nuspple.cce.ufsc.br/proposta_curricular_de_santa_cat.htm) Acesso em 25 agosto 2008.

ROMANELLI, Sérgio. Traduzir ou não traduzir em sala de aula? Eis a questão. In: **Revista Inventário**. 5. ed., fmar/2006. Disponível no web world wide em: <http://www.inventario.ufba.br/05/05sromanelli.htm>.

TOSQUE, P. **O dicionário bilíngüe como ferramenta de ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira**. Trab. Ling. Aplic. Campinas (40): 101-114, 2002.

WERNER, R. **El diccionario bilingüe y la enseñanza del español como lengua extranjera**. Revista Hispanorama, nº 110, 2005. Págs. 75-84

<http://la-opinion-argentina.blogspot.com/2009/04/argentina-bolita-chilote-yorugua.html> acesso em 23 set 2011.

<http://www.portotango.com/LDU800/page.php?id=92> acesso em 23 set 2011.

<http://es.wikipedia.org/wiki/cocoliche> acesso em 23 set 2011.

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Cidinho\\_e\\_Doca](http://pt.wikipedia.org/wiki/Cidinho_e_Doca) acesso em 04 out 2011.